

acreditava ele, seria um erro utilizar testículos de espécies dessemelhantes, tais como cães e porquinhos-da-índia, como fizera Brown-Séguard. Voronoff tentou antes obter testículos humanos, a fim de utilizá-los em transplantes, mas naqueles tempos havia leis que proibiam cortar pedaços de cadáveres. Tentou obter os testículos de criminosos presos, mas esbarrou com dificuldades insuperáveis. Enfim, publicou anúncios pedindo voluntários, mas os dois únicos que se apresentaram tinham idéias de tal modo inflacionadas quanto ao valor dos próprios órgãos sexuais, que Voronoff, desanimado, desistiu. Conformou-se afinal, em utilizar testículos de chimpanzés e macacos, os quais, embora não-humanos, eram pelo menos primatas e mais próximos de terem compatibilidade com o homem que os demais animais de experiência.

Voronoff aperfeiçoou suas técnicas cirúrgicas nas práticas com transplantes animais e, em 1919, anunciou impressionantemente seus resultados em Paris, no XXVIII Congresso Cirúrgico. Os jornalistas foram convidados a examinar diversos carneiros e um touro que haviam sido "rejuvenescidos" por meio de transplantes de testículos de animais jovens. Histórias sobre tratamentos por meio de "glândulas de macaco" inundaram os meios de comunicação. Como um rebanho, velhos e cheios de esperanças dirigiam-se ao médico, a fim de se submeterem a operações, a cinco mil dólares ou mais o enxerto. Acumularam-se atestados de gratidão. Todavia, também estes deviam ser devidos ao efeito do placebo. Os trabalhos extensivos dos anos recentes, sobre transplantes de órgãos, indicam que, não sendo feitos tratamentos especiais para supressão de imunidade, os órgãos transplantados têm geralmente vida curta no corpo que os hospeda. São logo rejeitados, murcham e morrem. Portanto, o aumento de testosterona resultante da operação de Voronoff devia ter sido transitório. Serge Voronoff morreu aos oitenta e cinco anos de idade. Seus tratamentos por meio de "glândulas de macaco" já haviam caído em desuso e desgraça.

Enquanto isso, e por caminhos diversos, outros procuravam também a longevidade. Elie Metchnikoff, outro russo emigrado para a França, possuía credenciais científicas ainda mais distintas que as de Voronoff. Ganhou o prêmio Nobel em 1908, pela descoberta dos fagócitos — células brancas do sangue que defendem o corpo contra germes invasores. Os estudos de Metchnikoff levaram-no a crer que a raiz do problema do envelhecimento estava no intestino grosso, repositório de toda sorte de bactérias e substâncias nocivas. O laureado com o prêmio Nobel propôs duas maneiras de eliminar o problema: remover cirurgicamente o colo ou alterar seu conteúdo de tal modo que as bactérias nocivas ficassem inibidas.

A abordagem cirúrgica não teve grande êxito popular, portanto Metchnikoff procurou medidas menos drásticas. Primeiro colocou ênfase numa dieta só de coisas cozidas e leite azedo. Mais tarde apregoou os benefícios do iogurte, produto de leite azedo, popular entre os camponeses búlgaros, notáveis por sua longevidade. A chave, dizia Metchnikoff, estava nos lactobacilos do iogurte; eram bactérias benéficas que, presumivelmente, colonizariam o intestino grosso e tornariam o ambiente ácido demais para as bactérias produzidas pelas toxinas, que não sobreviveriam.

Relatórios sobre o trabalho de Metchnikoff acenderam a faísca da loucura pelo iogurte, que perdura até hoje. As subsequentes pesquisas, todavia, não sustentaram a validade das idéias de Metchnikoff sobre o processo de envelhecimento. As pessoas que, devido ao câncer, tiveram removidos seus colos, não aumentaram seu tempo de vida. O próprio Elie Metchnikoff, depois de encher os intestinos de lactobacilos durante dezoito anos, morreu de uma doença cardíaca congestiva em 1916, aos setenta e um anos.

Outros "tratamentos milagrosos" contra o envelhecimento continuaram a surgir, florescer e desaparecer. Pessoas famosas, e milhares de outras têm engrossado o rebanho que procura os "especialistas em rejuvenescimento". Paul Niehans injetava as células de cordeiros nascituros em seus velhos pacientes. Ana Aslan, da Romênia, deixou o mundo perplexo durante décadas, com um tratamento que consistia na aplicação de injeções de Gerovital H3, uma forma da droga analgésica procaína. A geléia-real, alimento especial que as abelhas dão à sua rainha é substância há muito apregoada pelos adeptos de excentricidades alimentícias como remédio contra o envelhecimento, acreditam os cientistas sérios que não tenha valor. Na verdade, o campo das pesquisas sobre o prolongamento da vida tem estado de tal modo atravancado de fracassados honestos e charlatães sem escrúpulos, que por meio século alastrou-se um sentimento de desilusão. As soluções simples provaram não passar de fogos-fátuos. Entre os pesquisadores e o público em geral, sentia-se que a solução, possivelmente, não existia.

Entretanto, logo depois de Segunda Guerra Mundial, houve um surto de atividade científica, nas ciências físicas e nas da vida. Foram treinados exércitos de pesquisadores que começaram a alargar as fronteiras dos conhecimentos em milhares de direções. O subsídio à pesquisa biomédica nos Estados Unidos passou explosivamente de \$88 milhões, em 1947, a \$2,3 bilhões em 1967. A quantidade de dados acumulados resultou numa melhor compreensão dos processos vitais e numa percepção mais profunda dos mecanismos da doença. Com tal riqueza de novos conhecimentos e instrumentos sofisticados, os cientistas adquiriram um crescente sentimento de poder. A imprensa popular e a literatura científica das décadas de cinquenta e sessenta ferviam com o fermentar de predições inebriantes. Ao crescer a confiança no potencial da ciência, houve um gradativo despertar de interesse pelas possibilidades de alcançar a imortalidade.

Em 1961, o *Journal of the American Medical Association* predisse que, em fins do século vinte, seria comum uma expectativa de vida de 120 anos. Daí a cinco anos, James Bonner, professor de Biologia na Cal Tech, anunciava que os biólogos estavam "a pique de encontrar um meio de eliminar a senilidade, facilitando assim aumentar para 200 anos a extensão da vida humana". Vladimir Engelhardt, cientista soviético, prognosticou que pelo ano 2.000 a gente viveria 300 anos.

Alguns foram ainda mais longe, mencionando a própria perspectiva da imortalidade. Ao meditar sobre o futuro da medicina, diz o médico e escritor Alan E. Nourse: "Os conhecimentos adquiridos em tal pesquisa nos darão as